

# MARCIAL E AS SÁTIRAS DE HORÁCIO

FÁBIO PAIFER CAIROLI<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa identificar relações entre a obra do poeta latino Marcial e a de seu antecessor Horácio, amiúde citado em seus epigramas. Em particular, serão observadas passagens dos dois livros de *Sátiras* que teriam servido de modelo na produção dos *Epigramas*.

**Palavras-Chave:** Marcial, Horácio, epigrama, sátira, emulação.

A obra do poeta latino Marcial pode ser arrolada entre aquelas obras da Antiguidade Clássica que atingem tal *status* de excelência que acabam por se constituir como exemplares únicos do gênero poético em que foram compostas. A Marcial, com efeito, poderia ser aplicado o juízo que Quintiliano faz da poesia lírica de Horácio (**Instituições Oratórias**, X. 1. 96), segundo o qual apenas este autor mereceria ser lido neste gênero, colocando-se muito a frente dos demais. Marcial é o único autor antigo de epigramas a sobreviver de forma integral até o presente; os demais autores (e, deve-se

notar, são numerosos tanto os epigramatistas gregos quanto os latinos) existem apenas recortados pelos critérios dos editores que reuniram coletâneas como a *Antologia Palatina* ou a *Antologia Latina*. A única exceção - o livro de epigramas de Ausônio - ofuscada pela repercussão da obra do poeta de BÍlbilis muitas vezes é tomada - na esteira da crítica dirigida aos autores do baixo império - como imitação servil, sem mérito maior que atestar o sucesso do seu modelo. Esta crítica, embora impensada e merecedora de revisão, atesta a existência de uma tradição que aceita a obra de Marcial como sinônimo de poesia epigramática.

Esta posição singular da obra de Marcial coloca à investigação crítica alguns problemas de difícil solução: o poeta repete com alguma frequência que os epigramas operam seu sentido não só na unidade de cada poema, mas no conjunto organizado que é o *Epigrammaton Liber* (Marcial, **Epigramas**, I, 16; VII, 81; VII, 85; VIII, 29). Neste caso, contudo, ao contrário do que acontece com a matéria epigramática, que pode ser confrontada com aquela presente nas Antologias, questões relacionadas à categoria retórica da distribuição são difíceis de confrontar, visto que, apesar de muitos dos autores presentes nas antologias terem potencialmente organizado seus próprios livros (Lucílio, em particular,

<sup>1</sup> Professor doutor da Universidade Federal Fluminense.  
E-mail: [cairolli@yahoo.com.br](mailto:cairolli@yahoo.com.br)

autor ao qual a poesia de Marcial está vinculada, deixa claro ter coligido livros em **Antologia Palatina**, IX, 572), muito pouco desta articulação segue acessível para confronto.

Uma área de especial interesse no estudo da poesia de Marcial é a que investiga os autores não-epigramáticos que são imitados por este poeta. Entre os mais mencionados, além de Catulo (que deveria mais propriamente ser arrolado entre os poetas epigramáticos), os principais modelos assumidos pelo epigramatista são Virgílio, Ovídio e Horácio. Não só os *topoi* que eles desenvolvem são aproveitados pelo poeta como também seus nomes são incluídos nos *pínakes*, isto é, naqueles poemas em que se produz o catálogo das autoridades reconhecidas por um dado autor. Tendo estas questões em vista, o objetivo do presente trabalho é investigar de que forma a poesia de Horácio, particularmente a parte de sua obra representada pelas *Sátiras*, comparece nos epigramas de Marcial.

## O ESTADO DA QUESTÃO

A possibilidade de discutir a leitura e a apropriação da obra de um poeta da antiguidade clássica por outro, como aqui se propõe entre Horácio e Marcial, é amplamente sustentada pelo discurso dos próprios autores daquele período. Dentre esses, os dois poetas aos quais se dedica este trabalho merecem destaque, comentadores abundantes que são do fazer poético próprio e alheio. Em Horácio, a *Arte Poética*, vv. 128-135 sustentará, por exemplo, que a um tema inédito deve ser preferido um tema da tradição, desde que o poeta se lembre de não ser um *fidus interpres* (intérprete fiel, v. 133-134), que traduz seu modelo palavra por palavra (HORÁCIO, 1984). Em Marcial, já na epístola prefacial ao primeiro *Livro de Epigramas* apresenta preocupações similares, ao lembrar que imita poetas anteriores a ele na linguagem lasciva, notadamente Catulo, mas que não comete o erro de outros autores (aqui o poeta não menciona, mas se trata também do próprio Catulo) de expor pessoas concretas com seus nomes reais. (CAIROLLI, 2014, p. 168).

A recensão das obras que servem de modelo a Marcial é objeto de pesquisa de diversos pesquisadores: sobre a presença de Virgílio em Marcial, por exemplo, a filóloga espanhola María José Muñoz Jiménez produz exaustiva investigação, na qual identifica dois grupos distintos de leitura, a saber, aquele em que Marcial trata de Virgílio por dados externos à obra e outro no qual a obra de Virgílio é objeto da imitação de Marcial (JIMÉNEZ, 1994). O mais recente trabalho em que se investigam as relações entre a obra de Marcial e a de Ovídio é o de Claudia Cenni (2009), no qual, além de arrolar toda a pesquisa existente na área, divide as passagens analisadas em citações (*citazioni*) e ecos (*riecchegiamenti*). As relações entre as obras de Marcial e Catulo foram objeto de investigação nossa (CAIROLLI, 2009); serão, no entanto, melhor observadas a partir do trabalho de Paolo Fedeli (2004).

No caso de Horácio, contudo, não há estudos exaustivos da forma como este autor comparece em Marcial. Diversos autores notam proximidades pontuais entre os dois autores: Sage (1916) aproxima os dois autores por uma curiosa noção de que ambos os poetas escreviam *commercial advertising*. Dyson e Prior (1995) analisam nos dois autores o olhar do estrangeiro à cidade de Roma. Dois pesquisadores apontam questões específicas da relação de poemas de Marcial (notadamente **Epigramas**, I, 49) com os *Epodos* de Horácio (DURET, 1977; DONINI, 1964), mas não há estudo específico que contemple a relação de Marcial com os demais livros de Horácio. Este estudo, centrando-se especificamente nos livros de *Sátiras*, pretende suprir uma parte desta demanda.

## UMA FESTA PARA FILÓSOFOS

A primeira contribuição que o poeta satírico oferece ao epigramático ocorre já em uma das primeiras coleções que Marcial publica, os *Xênia*. Este é um volume monotemático, composto de dísticos que introduzem diversos gêneros alimentícios. Seu propósito, declara o poeta no primeiro dos epigramas prefaciais, é substituir os presentes que nos banquetes - particularmente naqueles que ocorriam

durante as Saturnálias, em dezembro - os anfitriões deveriam oferecer para os convivas. Comparecem toda sorte de gêneros alimentícios, de simples cereais a sofisticadas carnes de caça, passando por toda a qualidade de vinhos, e por meio deles podemos compor uma imagem do tipo de evento que integravam. Como já foi notado, estes epigramas de alguma forma tem sua estrutura aparentada à da enciclopédica *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho: ambos são organizados por temas, em ambos o autor convida o leitor a ser protagonista na seleção das porções de texto que deseja ou não ler (BLAKE, 2011, p. 353). Isso, contudo, não responde à totalidade de questões que esta coletânea suscita, tais como a seleção do tema e do tom com o qual abordá-lo. A Sátira II, 4, contudo, oferece alguns indicativos para estas questões. Neste poema, o venusino estabelece diálogo com um certo Cácio. Este, ao modo do Fedro platônico, andava com o pensamento envolvido na memorização de certos preceitos filosóficos que acabara de ouvir. Convidado a apresentá-los, Cácio declama (HORÁCIO, *Sátiras*, II, 4, v. 11-16):

*'ipsa memor praecepta canam, celabitur auctor.  
longa quibus facies ouis erit, illa memento,  
ut suci melioris et ut magis alba rotundis,  
ponere: namque marem cohibent callosa uitellum.  
cole suburbano qui siccis creuit in agris  
dulcior: irriguo nihil est elutius horto.(...)*

O autor se cale: as máximas são estas:  
Prefere os ovos de figura oblonga;  
Mais fartos são e de melhor substância  
Que os de forma redonda, pois encerram  
Másculo germe na calosa casca.  
As couves que em terreno enxuto crescem  
Mais doces são que as suburbanas couves:  
Horta muito regada é sempre enxebre. (...)<sup>2</sup>

Sendo um poema que parodia os diálogos platônicos, apresentar um conjunto de preceitos relacionados à melhor fruição dos alimentos frustra

a expectativa levantada e não deixa de causar efeito risível. Apesar de tudo, e talvez com alguma dose de ironia, Horácio pede ao fim do poema para acompanhar o amigo na próxima visita ao sábio. Há uma certa dualidade na invectiva de Horácio, o qual, ao mesmo tempo que ri da postura filosófica que resume a vida feliz à barriga cheia, repete obstinadamente os preceitos que poderia ter resumido, dignos de observar mesmo quando seu enunciador é reprovável, chegando a manter uma unidade formal, pois os preceitos passam do alimento para questões de organização do banquete, tais como ações dos escravos e limpeza do ambiente. Posta de parte a espinhosa questão da crítica das intenções, o que o poema apresenta é uma coleção de breves preceitos (*praecepta*, traduzido por Seabra como *máximas*) que focam de forma unitária em elementos de um banquete (ovos, couve, frangos ...) em poucos versos de tom sentencioso, justapondo elementos sem vinculá-los discursivamente, muito próximo do que seria uma coleção de epigramas como os *Xênia* de Marcial.

Parece-nos que o poema de Horácio e o livro de Marcial possuem algum parentesco: além de ambos os poetas frequentarem conceitos relacionados ao epicurismo, bem como produzirem em outras partes de sua obra poesia de espécie convivial, os textos se aproximam em algumas partes. Veja-se, por exemplo, os versos 24-27 da sátira horaciana:

*Aufidius forti miscebat mella Falerno:  
mendose, quoniam uacuis committere uenis  
nil nisi lene decet: leni praecordia mulso  
prolueris melius.*

Com mel Aufidio ríspido Falerno  
Mesclava, porém mal; às vácuas veias  
Só coisas boas cometer devemos:  
Antes com água-mel lava as entranhas.

Entre os epigramas de *Xênia*, existe um, o 108, que responde a esta passagem:

*108. Mulsum.  
Attica nectareum turbatis mella Falernum.*

*Misceri decet hoc a Ganymede merum.  
108. Mulso*

<sup>2</sup> As traduções das sátiras horacianas aqui apresentadas são de Antonio Luiz Seabra. Ver: HORÁCIO (1949). O texto latino é proveniente da edição de Shakelton Bayley para a Teubner (HORATIUS, 2014).

Mel da Ática, perturbas o néctar falerno.  
Este mero mistura Ganimedes.<sup>3</sup>

Em ambos os poemas, ao falar-se do mulso (mistura de vinho com mel, que Seabra equivocadamente traduz como ‘água-mel’ no verso 27), trata-se da mescla do mel especificamente com o vinho falerno. Se Aufídio, personagem não tão fácil de identificar, fazia uma mistura inadequada, pois esta deveria ser leve (*lenis*), uma mistura excelente é digna de Ganimedes, escanção de Júpiter, protótipo do *puer delicatus*, escravo que nos banquetes estava encarregado de misturar, coar e servir os vinhos, escolhido para esta função especificamente pela leveza de seus traços. Há, portanto, em ambos os casos, uma homologia entre a sofisticação da mistura e a do misturador. Acrescente-se a isso o eco que o primeiro verso de Marcial faz ao verso 24 de Horácio: em ambos, ocorre a descontinuidade dos sintagmas (*forti... falerno* e *nectareum... falernum*) e a inserção do termo *mella* (méis) entre os termos; nos dois casos, *mel* vem conectado a *falernum*, e em ambos estes são os últimos do verso. O aproveitamento do ritmo pelo poeta de BÍBILIS não é casual, tanto mais que Horácio o usa mais de uma vez neste livro: além de II, 7, 24, repetiu a estrutura em II, 2, 15 (*spere cibum uile; nisi Hymettia mella falerno*).

## POESIA DE SATURNO

Como já foi acima referido ao apresentar o livro *Xênia*, em toda a sua obra Marcial se apropria do contexto das Saturnálias para delinear o espaço do gênero epigramático. Com efeito, esta populárrima festividade religiosa do mundo romano, caracterizada pelo relaxamento de certas normas, celebração de banquetes com troca de presentes e inversão de papéis sociais, parece o espaço perfeito para a circulação de um gênero poético colocado por Marcial entre os mais humildes (**Epigramas**, XII, 94), no qual o falar dos vícios poderia ser visto em analogia à liberdade que, durante estas

festividades, os escravos tomavam em relação aos seus senhores.

Embora em Marcial as Saturnálias tenham sido elevadas à condição de elemento constitutivo de um gênero, o epigramatista não foi o primeiro que encontrou nestas celebrações o espaço discursivo para a construção de seu gênero poético. Antecede-o nesta apropriação, justamente, uma sátira de Horácio, a II, 7. A utilização do contexto saturnal por Horácio neste poema não é casual. Pelo contrário, está inserida em um plano organizativo do livro II de sátiras e responde a necessidades poéticas específicas. Este livro, ao contrário do primeiro, é composto principalmente de sátiras dialogadas: personagens representativos dos vícios de pensamento romano atravessam o caminho do poeta, levando a ideia de mistura, própria do gênero satírico, também à disposição do livro: depois da proposição (II, 1), Horácio apresenta (II, 2) a confirmação do *mos maiorum* nas palavras do agricultor (*rusticus*) Ofelo (tanto mais significativas porque, sendo o relato em discurso indireto feito pelo poeta, indica a ausência de tais personagens no percurso em que o poeta encontra os personagens viciosos), seguida pela crítica ao estoicismo (II, 3), ao epicurismo (II, 4). Na próxima sátira não-dialogada, II, 6, Horácio descreve quais são as próprias ambições (muito ao modo do que Marcial fará em diversos poemas, tais como X, 47). Na sátira II, 7, portanto na sequência desta, o escravo Davo recebe de Horácio permissão para falar:

*'age libertate Decembri,  
quando ita maiores uoluerunt, utere: narra.'*

Pois bem, a larga do teu mês desfruta;  
vamos com a antiga usança; eia - prossegue.

O escravo usa do espaço que só lhe é concedido durante as Saturnálias para dirigir a sátira contra a própria *persona* satírica. Assim, o poeta é vituperado pelo próprio escravo, que enxerga em seu senhor a inconsistência do discurso do poeta, desejoso de coisas contrárias às que declara. Incapaz de suportar tamanha liberdade em um escravo que acusa o senhor de ser ele próprio escravo de outros,

<sup>3</sup> As traduções de Marcial são de nossa autoria, retiradas de CAIROLI (2014). As demais traduções, quando não houver indicação contrária, procedem da mesma lavra.

a *persona* ameaça o escravo-filósofo, de modo a fazê-lo interromper o discurso. Este poema é notável, pois Horácio demonstra entender que somente durante as Saturnálias ocorrem as condições possíveis para que as pessoas (e o poeta satírico entre elas) sejam recolocadas na posição relativa às virtudes e vícios que possuem, dado que só neste período é permitido que o escravo fale ao senhor como um igual. Esta livre deliberação dos vícios, superando as estruturas de poder que os indivíduos exercem uns contra os outros, são o objetivo da poesia aristotelicamente definida como baixa, quer se trate da poesia satírica, quer da epigramática.<sup>4</sup>

### POETAS CLIENTES, POETAS VILÃOS

Entre as características de disposição que podem ser detectadas na obra de Marcial, algo mais existe que se relaciona às sátiras horacianas. Em diversos dos livros do epigramatista, é possível encontrar um epigrama de extensão desproporcional mais ou menos no meio do volume. Esta desproporção, deve-se notar, é amiúde recordada pelo próprio poeta como algo inusitado, mas possível, já praticado por autores da tradição epigramática, como Pedão e Marso, e que, de qualquer forma, ele seguirá praticando apesar da oposição de certos leitores (**Epigramas**, I, 110; II, 77; VI, 65).

Entre os epigramas cuja extensão passa dos 25 versos, figuram I, 49; III, 58; IV, 64; V, 78; VI, 64; X, 30; XI, 18 e XII, 57. Em comum, todos estes epigramas possuem o fato de não serem compostos em dísticos elegíacos, principal esquema métrico do gênero epigramático, e que de alguma forma o aproxima do gênero elegíaco. Pelo contrário, o colambo e o falécio são os metros preferenciais destes poemas mais longos, com o que se atende à necessidade retórica de produzir *uariatio*, mas também se atenua

seus vínculos com o contexto elegíaco, associando-os a poetas de tradição jâmbica ou aos que cultivam os hendecassílabos, como Catulo e Horácio. O caso específico de I, 49, poema composto em estrofe jâmbica, demonstra relação mais óbvia com os *Epodos* de Horácio, indicando, no entanto, que estas composições se relacionam ao venusino (DONINI, 1964).

Quando se observa, neste *corpus*, a matéria dos poemas, nota-se que, salvo pelos epigramas V, 78 e VI, 64, todos têm como tema o louvor do campo: louva-se a vida rural da Hispânia, terra natal do poeta (I, 49), a propriedade rural de amigos como Faustino (III, 58) e Júlio Marcial (IV, 64); há ainda o louvor da idílica vida em Fórmias (X, 30) ou o vitupério à propriedade que foi oferecida por um certo Lupo ao poeta (XI, 18), exemplo de tudo que o campo não deve ser. Embora o *locus amoenus* seja um lugar-comum presente em boa parte dos poetas lidos por Marcial (aí incluídos Virgílio e Ovídio), parece-nos que estes epigramas dependem principalmente do tratamento horaciano ao tema rural, em especial aquele proposto na sátira II, 6. Esta interpretação é particularmente consistente quando observamos o epigrama XII, 57, no qual, à semelhança da sátira II, 6, o poeta se refere à própria *villa*. O tom de ambos os poemas é muito semelhante: estar na sua propriedade é um prazer contraposto ao dissabor que representa a vida em Roma. Naquela, é possível desfrutar da abundância e do repouso, nesta, pelo contrário, obrigações tornam a vida deplorável.

Ao nosso ver, tal proximidade não é incidental. Pelo contrário, Marcial escolhe para os seus poemas mais extensos emular aquela sátira em que Horácio formula para si os mesmos votos que Marcial abundantemente declara como seus: críticos do vício urbano, ambos almejam a paz que se alcança no campo.

Nesta sátira de Horácio também está presente outro tema que será amplificado por Marcial, o patronato. Com efeito, um dos motivos que o satírico apresenta para que a vida seja sofrida em Roma é a necessidade de se submeter às obrigações de um *cliens*. A descrição horaciana das responsabilidades

<sup>4</sup> Ao leitor interessado na compreensão das saturnálias recomenda-se o excelente trabalho do prof. Alexandre Agnolon (2013), no qual, além de recensear toda a cultura saturnal na antiguidade, produz excelente tradução dos *Xênia* e *Apoforetos* de Marcial. Embora este autor aponte (p. 100) a sátira de Horácio como testemunho da igualdade de direitos entre escravos e homens livres durante as saturnais, não indica a implicação (po)ética da escolha para a *operis lex*.

de um cliente é amiúde emulada por Marcial, e não somente nos epigramas extensos que contrapõem o clientelismo ao campo. Veja-se a descrição horaciana (*Sátiras*, II, 6, vv. 20-39):

*Matutine pater, seu lane libentius audis,  
unde homines operum primos uitaeque labores  
instituunt—sic dis placitum—, tu carminis esto  
principium. Romae sponsorem me rapis: ‘eia,  
ne prior officio quisquam respondeat, urge.’  
siue aquilo radit terras seu bruma niualem  
interiore diem gyro trahit, ire necesse est.  
postmodo quod mi obsit clare certumque locuto  
luctandum in turba et facienda iniuria tardis.  
‘quid tibi uis, insane?’ et ‘quam rem agis?’ inpro-  
bus urget  
iratis precibus, ‘tu pulses omne quod obstat,  
ad Maecenatem memori si mente recurras.’  
hoc iuvat et melli est, non mentiar. at simul atras  
uentum est Esquilias, aliena negotia centum  
per caput et circa saliunt latus. ‘ante secundam  
Roscius orabat sibi adesses ad Puteal cras.’  
‘de re communi scribae magna atque noua te  
orabant hodie meminisses, Quinte, reuert.’  
‘inprimat his cura Maecenas signa tabellis.’  
dixeris: ‘experiar’: ‘si uis, potes,’ addit et instat.*

Pai da manhã, ó Jano (se este nome  
Mais te apraz escutar), contigo os homens  
Por lei do fado, da existência o trato  
Das várias obras a fadiga encetam.  
Sê tu também dos meus versos princípio.  
Se em Roma estou, por fiador me arrastas:  
“Eia, me bradas, teu dever te chama.  
Vamos, não te antecipe atento amigo.”  
Cumpro ir, quer duro norte as terras varra,  
Quer a quadra nivosa encurte o dia;  
E bem expresso o que empecer me deve  
Hei de, por fim, barafustar na turba  
E atropelar quantos depois chegarem.  
“Que pressa tens, que intentas, estouvado?”  
Diz o insofrido, e cobre-me de pragas:  
“Se tens na ideia ir visitar Mecenas  
Derribarás quantos vês aí diante?”  
Ora, isto (sem mentir) me é doce e grato,  
porém mal chego às lúgubres Esquilias,  
De um lado e de outro inúmeros negócios  
(Todos alheios) súbito me assaltam.  
“Róscio te pede que amanhã às oito,  
Com teu favor, no Puteal lhe assistas.”  
“Por causa de alta monta os secretários  
te rogam que lá voltes hoje, ó Quinto!”  
“Faze que sele este papel Mecenas”

Se respondes ‘veremos’, insta e junta:  
“Bem o podes, querendo”.

Diversos dos *tópoi* utilizados por Horácio nesta passagem são recuperados por Marcial em seus epigramas. A menção da apresentação matutina como característica da relação cliente-patrono aparece em I, 55; I, 108; II, 18; II, 36; III, 26; IV, 78; V, 22; VI, 88; VII, 39; VIII, 44; IX, 100; X, 10; X, 82; XII, 29; XII, 68; XIV, 125; a descrição do clima matinal desagradável comparece em I, 55; X, 82; o sono e o mal-estar físico do cliente em I, 49; II, 36; IV, 78; V, 22; VIII, 44; X, 82; XII, 18; o percurso para chegar ao patrono, com seus eventuais percalços, em I, 70; I, 108; II, 5; III, 4; V, 22; VII, 39; XII, 18; a obrigação de acompanhar as atividades diárias dos patronos em II, 36; VIII, 44; IX, 100; X, 10; X, 70.

O clientelismo é matéria recorrente na poesia de Horácio. Seu principal patrono, Mecenas, é citado muitas vezes em sua obra e constitui um interlocutor frequente. Se na passagem acima citada patronos como Róscio são o motivo da fadiga dos clientes, Mecenas por sua vez é apresentado como o oposto disso, isto é, o patrono cuja amizade é positiva e beneficia o cliente. Assim como para Horácio (*Sátiras*, II, 6, v. 32), para Marcial (*Epigramas*, II, 5, v. 7) o esforço de cultivar o bom patrono não é sentido. Em Marcial, a relação de Mecenas com seus protegidos é qualificada como modelar em I, 107; VII, 29; VIII, 55; XI, 3 e XII, 3.

Em Marcial, as virtudes de Mecenas acabam se projetando em um conjunto de poemas que definem ou referem a conduta virtuosa de um patrono. Desconstruindo-se certa noção posterior que relaciona o termo *mecenato* à ideia de protetor das artes, Mecenas se enquadra na categoria dos patronos. Horácio e Virgílio são clientes de Mecenas e, no discurso de Marcial, representam o modelo ideal dessa instituição. Estes clientes podiam desempenhar a sua parte na relação (que era produzir o discurso de Estado augustano, mas também as atividades de um cliente não-poeta, como acompanhar o patrono em suas viagens, como os dois poetas fazem na sátira I, 4, ou apresentar-se para a *salutatio* matinal, como na sátira II, 6) porque Mecenas

era bom patrono: ao oferecer propriedades rurais aos dois poetas, propiciou a estes poetas que se dedicassem ao ócio, podendo dispor seu tempo ao patrono e à causa. O epigrama I, 107 contém todos estes elementos e os expõe com crua simplicidade:

*Saepe mihi dicis, Luci carissime luli,  
'scribe aliquid magnum: desidiosus homo es.'  
Otia da nobis, sed qualia fecerat olim  
Maecenas Flacco Vergilioque suo:  
condere uicturas temptem per saecula curas  
et nomen flammis eripuisse meum.  
In steriles nolunt campos iuga ferre iuenci:  
pingue solum lassat, sed iuuat ipse labor.*

Muitas vezes me dizes, caro Lúcio Júlio:  
'Algo grande compõe, és preguiçoso.'  
O ócio me dá, porém como o que dava outrora  
Mecenas ao seu Flaco e ao seu Virgílio:  
tentarei fundar obra que os séculos vença  
e das chamas meu nome livrarei.  
O novilho recusa o jugo em campo estéril;  
no fértil, cansa o esforço, mas agrada.

Acrescente-se que além de re-elaborar esta forma de proteção em que o mecenato se torna uma categoria especial de patronato, Marcial reconstrói o significado político desta instituição ao descrever a função do imperador como a de um grande patrono. Deve-se considerar que Marcial, da mesma forma que os poetas augustanos, quando o faz, produz um discurso oficial de Estado. Levando-se em consideração a passagem de Suetônio (*Dom.*, 9, 1-2) em que Domiciano é descrito como extremamente liberal, chegando a cobrar de sua corte que se comportasse de forma análoga, a insistência de Marcial sobre o tema do clientelismo e o vitupério dos maus patronos tem função política, evidenciada em epigramas como IV, 27 ou V, 19. Veja-se o último destes poemas:

*Si qua fides ueris, praeferris, maxime Caesar,  
temporibus possunt saecula nulla tuis.  
Quando magis dignos licuit spectare triumphos?  
Quando Palatini plus meruere dei?  
Pulchrior et maior quo sub duce Martia Roma?  
Sub quo libertas principe tanta fuit?  
Est tamen hoc uitium sed non leue, sit licet unum,  
quod colit ingratas pauper amicitias.*

*Quis largitur opes ueteri fidoque sodali,  
aut quem prosequitur non alienus eques?  
Saturnaliciae ligulam misisse selibrae  
flammarisue togae scripula tota decem  
luxuria est, tumidique uocant haec munera reges:  
qui crepet aureolos forsitan unus erit.  
Quatenus hi non sunt, esto tu, Caesar, amicus:  
nulla ducis uirtus dulcior esse potest.  
Iam dudum tacito rides, Germanice, naso  
utile quod nobis do tibi consilium.  
Se a verdade merece fé, maior dos Césares,  
tempo algum é de preferir ao teu.  
Quando se viu triunfos tão dignos assim  
e mais se deu aos deuses palatinos?  
Sob qual chefe é mais bela e grande a márcia  
Roma?*

Sob qual príncipe tanta liberdade?  
Há, porém, este vício não leve, mas único,  
de o pobre ter ingratas amizades.  
Quem dá riquezas ao fiel e velho amigo  
ou cavaleiro estranho tem na escolta?  
Nas saturnais, mandar colher de meia libra  
ou dez escrôpulos em toga inflada  
é luxo; orgulham-se os patronos de tais prêmios.  
Um só, talvez, moedas de ouro estala.  
Se estes não são amigos, César, que tu sejas:  
não é mais doce em chefe outra virtude.  
Há algum tempo, Germânico, ris em silêncio,  
pois convém-me o conselho que te dou.

Aqui, Marcial usa o artifício de trabalhar a matéria como se tratasse do seu próprio referencial, isto é, a necessidade de, sendo cliente, encontrar bons patronos, para declarar o que realmente cremos que é o tema do poema, a posição única do imperador, única pessoa capaz de ser um protetor adequado (e logo, alguém cujo poder não devia ser posto a prova). É um procedimento análogo ao de Horácio nas sátiras em que se dirige a Mecenas. Em um poema como a sátira I, 6, o louvor da moderação e do desprezo pelas honrarias que o poeta a si atribui (e ao qual atribui o apreço do patrono) é um pressuposto para lembrar que a luta pelas honrarias é desnecessária durante o principado (e, logo, que o poder do príncipe não deve ser posto a prova).

Cremos que seja escusado acrescentar a esta lista alguns *topoi* que circulam não somente na obra dos autores em questão, mas que são comuns a um grande conjunto de autores. É o caso, por exemplo, dos lugares referentes à confirmação do gênero,

geralmente expostos nos poemas prefaciais. É possível encontrar homologia entre estes poemas em Horácio e Marcial, mas este tipo de lugar comum ocorre também em Catulo e Ovídio, para mencionar apenas os autores mais emulados por Marcial, chegando a ocupar espaços não-formais de circulação das letras: em Pompeia, na entrada da lavanderia de Marcos Fábio Ululitrêmulo, em contraponto aos afrescos de Eneias e Rômulo que decoravam as paredes, figurava um grafite (CIL, IV, 9131) versando nestes termos: *Fullones ululamque cano non arma virumq[ue]* (Os pisoeiros e a coruja eu canto, não as armas e o varão). Aqui, colocava-se para aquele que adentrava o estabelecimento, uma irreverente recusa aos temas épicos dos afrescos e a entronização da humilde atividade praticada no recinto (KEEGAN, 2014, s/n).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O confronto da obra de Marcial com uma obra em particular de um de seus modelos revela em que medida a emulação é um procedimento criativo: são múltiplas as formas de apropriação do material emulado; o epigramatista usa lugares que ocupam espaços muitas vezes marginais na obra de Horácio para constituir lugares centrais para sua obra, ou, em outras palavras, redistribui o peso de certos lugares que podem circular entre os gêneros baixos, de modo a se tornarem adequados ao gênero epigramático.

Uma vez que o objeto desta investigação seja a imitação de Marcial a apenas uma das obras de Horácio, as Sátiras, o *corpus* relativamente pequeno encontrado inviabiliza que se proponha uma tipologia como a proposta por Jiménez (1994) ou Cenni (2009). De qualquer forma, os métodos aplicados por estas pesquisadoras não são necessariamente os mais produtivos, ou ao menos não devem ser os únicos, para o estudo do Marcial horaciano.

Partindo da oposição entre dados externos e lugares da obra proposta pela pesquisadora espanhola, epigramas como I, 107 se situam numa posição incômoda: quando abordam a questão do mecenato como dado biográfico da vida de Horácio (como da de Virgílio, importa dizer), esta assunção

de uma biografia tem credibilidade como tal apenas por ser validada pelo discurso poético - no caso de Horácio, é validada pela construção de uma ficção de sua amizade com Mecenas, espalhada por diversos livros e neste artigo analisada a partir da sátira II, 6. Em outras palavras, estes dados externos à obra só são mencionados porque Marcial os percebe como matéria para poesia, neles importando o discurso, não o fato.

A divisão das referências em citações e ecos, utilizada pela autora italiana, também se aplica com dificuldade no *corpus* apresentado. Tome-se, por exemplo, a relação que foi proposta entre o *Xênia* de Marcial e a sátira II, 4: argumentam a favor desta hipótese elementos combinados, como a equivalência entre a hipotaxe sentenciosa da sátira e a coleção de epigramas, a matéria de ambos os poemas e também um eco horaciano em um dos poemas da coleção de Marcial.

A estes métodos, sugerimos a contraposição de um modelo retórico-poético de análise destas passagens, uma vez que se baseia nos pressupostos discursivos que estes autores tinham ao alcance. Assim, deve-se pensar este *corpus* em termos de *invenção*, *disposição* e *elocução*. Segundo Cícero (*De Inventione*, I, 9):

*inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similibus, quae causam probabilem reddant; dispositio est rerum inuentarum in ordinem distributio; elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad inuentionem accommodatio;*

Invenção é o encontrar coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa verdadeira; disposição é a distribuição das coisas achadas em ordem; elocução é a acomodação à invenção de palavras e sentenças idôneas.

Partindo deste ponto de vista, a imitação da sátira II, 4 em *Xênia* passa pelas seguintes operações: Marcial encontra na tradição a matéria que pretende utilizar, isto é, os alimentos que se servem no banquete - a contribuição de Horácio a esta matéria é atestada pelo eco de Sat., II, 4, 24-27 em Xen., 108. Em Horácio, que decerto não será o único texto que comparece em *Xênia*, encontrará um

modelo de distribuição desta matéria, imitando-o (isto é, como seu antecessor, parte da enumeração dos alimentos para as demais partes do banquete); dizem respeito à elocução a justaposição dos elementos e o seu tom sentencioso.

Não cabe no extensão deste trabalho esgotar a capacidade analítica do modelo proposto, dado o caráter reduzido do *corpus*. Uma investigação que contemple a imitação de todos os livros de Horácio por Marcial, nos moldes da tese apresentada por Cenni em relação ao modelo ovidiano, colherá resultados oportunos se acrescentar este critério de leitura, por assim dizer sincrônico, aos instrumentos analíticos da alusão e da intertextualidade.

**Abstract:** This article aims to identify the relation between the Latin poet Martial and the works of his predecessor Horace, often quoted in his epigrams. Particularly, parts of the two books of Satires will be observed which have served as a model in the production of Martial's Epigrams.

**Keywords:** Martial, Horace, epigram, satire, emulation.

## REFERÊNCIAS

### *Documentação Textual*

CICERO. **De inventione. De optimo genere oratore. Topica.** with an English translation by H. M. Hubbell. Londres: Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1949.

HORÁCIO; OVÍDIO. **Sátiras; Metamorfoses.** Trad. de Antônio Luiz Seabra e Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Jackson, [1949].

HORÁCIO. **Arte Poética.** Trad. de Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

HORATIUS. **Opera.** Edit. D. R. Shackleton Bailey. Berlim: Walter de Gruiter, 2008.

### *Bibliografia*

AGNOLON, Alexandre. **A Festa de Saturno. O Xênia e o Apoforeta de Marcial.** Tese de doutorado. São Paulo: DLCV/FFLCH/USP, 2013.

BLAKE, Sarah. **Martial's Natural History: The Xenia and Apophoreta and Pliny's Encyclopedia.** *Arethusa*. Baltimore, v. 44, n. 3, Outono de 2011, p. 353-377.

CAIROLLI, Fábio Paifer. **Marcial Brasileiro.** Tese de doutorado. São Paulo: DLCV/FFLCH/USP, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pequena Gramática Poética de Marcial.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: DLCV/FFLCH/USP, 2009.

CENNI, Claudia. **Ovidio e Marziale tra poesia e retorica.** Tese de Doutorado. Bolonha: Alma Mater Studiorum - Università di Bologna, 2009.

DONINI, Guido. **Martial, I, 49: Horatius in Martiale.** *The American Journal of Philology*, v. 85, n. 1, Janeiro de 1964, pp. 56-60.

DURET, L. **Martial et la deuxième Epode d'Horace: quelques réflexions sur l'imitation.** *Revue des Etudes Latines*. Paris: vol. 55, 1977, pp. 173-192

DYSON, Stephen L.; PRIOR, Richard E.. **Horace, Martial, and Rome: Two Poetic Outsiders Read the Ancient City.** *Arethusa*. Baltimore, v. 28, n. 2 (Primavera 1995), 245-263.

FEDELI, Paolo. **Marziale Catulliano.** *Humanitas*. Coimbra, vol. 56, 2004, pp. 161-189.

JIMÉNEZ, María José Muñoz. **La doble presencia de Virgilio en Marcial.** *Cuadernos de Filología Clásica - Estudios Latinos*. Madrid, vol. 7, 1994, pp. 105-132.

KEEGAN, Peter. **Graffiti in Antiquity.** Nova Iorque: Routledge, 2014.

SAGE, Evan T. **Advertising among the Romans.** *The Classical Weekly*, Vol. 9, No. 26 (May 6, 1916), p. 202-208.